

Sobre Pretéritos e Afetos, algumas Inquietações e Provocações

Kelly Silva

Seguindo a proposta das organizadoras deste livro, este texto tem um tom ensaístico e despretensioso. Nele exponho interpretações, inquietações e provocações inspiradas pela leitura do texto de Lorenzo Macagno e a exposição do filme de Teresa Prata, apresentados no seminário *África em Movimento*.¹ Como um fato social, meus comentários são fortemente influenciados por minha própria trajetória de pesquisa em cenários coloniais e pós-coloniais particulares, Timor-Leste e Indonésia.

Opto por trazer ao texto problemas que me são caros e que pedem, de meu ponto de vista, uma abordagem mais cuidadosa por parte de uma antropologia engajada na compreensão do mundo contemporâneo, particularmente no Brasil. Refiro-me, por um lado, à problemática da mudança social, tal como manifesta na transição do “colonialismo” para o “pós-colonialismo” em países de independência recente e, de outro, à questão do afeto. A despeito dos potenciais vocativos (em termos teóricos e de crítica sociopolítica) dos termos “colonialismo” e “pós-colonialismo”, tais palavras figuram como simples marcadores cronológicos nos horizontes dos comentários que seguem.

A narrativa de Teresa Prata e o texto de Lorenzo nos expõem dimensões dos complexos fenômenos sociais relacionados à fabricação e ao desmonte das chamadas sociedades coloniais e à realocação de suas partes constituintes, ou mesmo à reformatação das mesmas em cenários pós-coloniais. Em tais processos, o estímulo e o controle, a um só tempo, do movimento, da circulação de pessoas, instituições e tecnologias das mais diferentes são fundamentais, bem como o manejo dos afetos e da memória, os quais produzem, como o título da sessão em que

¹ Agradeço à Andréa Lobo e à Juliana Braz Dias pela oportunidade de participar do seminário *África em Movimento* e desta coletânea. Este ensaio foi inspirado pelo texto apresentado por Lorenzo Macagno na ocasião do evento, intitulado “Os chineses da Beira, Moçambique. Itinerários de uma dispersão” e pelo filme dirigido por Teresa Prata, baseado na obra de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*.



este ensaio foi originalmente apresentado, pertencimento e exclusão, além de novos e cada vez mais complexos projetos de identificação. Assim, pertencimento e exclusão figuram em tais contextos como efeitos de movimentos, ocorram eles a partir de conflitos ou de reconfigurações institucionais, ou mesmo através de apropriações do passado por meio da memória. Tendo como ponto de partida esse universo em comum, organizo meus comentários aos artefatos de Lorenzo Macagno e Teresa Prata em duas grandes seções. Na primeira, esboço reflexões a respeito dos movimentos, rompimentos e mudanças presentes em tais obras. Na segunda parte, teço alguns comentários sobre a problemática do afeto.

DAS MÚLTIPLAS FACES DOS MOVIMENTOS: ENTRE ROMPIMENTOS COMPULSÓRIOS E DEMANDAS DE ACOMODAÇÕES

Ao historicizar a emergência e a consolidação da comunidade dos “chineses da Beira” em Moçambique, Lorenzo Macagno indica que elas se deram como produto de efeitos-dominó desencadeados por vários fatores, dentre eles: 1. o fim do tráfico de escravos, que trazia a necessidade de as companhias coloniais arregimentarem nova mão de obra; 2. a guerra sino-japonesa, que expulsava os chineses de Guangdong. Assim, do final do século XIX a meados do século XX, os migrantes chineses e seus descendentes passaram a ser progressivamente incorporados à cosmopolita sociedade colonial luso-moçambicana que então se enraizava, junto aos indianos, ingleses etc. Já no Moçambique recém-independente, os chineses da Beira passaram a ser vistos como “inquilinos indesejados”, nos termos do autor, deslocando-se então para o Brasil, entre outros países, onde alguns se caracterizam como “africanos, de origem chinesa, nacionalidade portuguesa, naturalizados brasileiros” (MACAGNO, nesta obra).

No filme de Teresa Prata a trajetória do indiano, dono da venda, confronta-nos com outra história complexa de deslocamento. Ele comenta com Gimso, aos 10 minutos do filme, que gosta de homens que não têm raça, ao mesmo tempo em que lamenta suas constantes mudanças, que o obrigam a caminhar pelas terras dos outros. Eis-nos, pois, diante de cenários e subjetividades que se pensam através de processos de contínuas transferências e cultivo de múltiplas pertencas, questão tão cara ao mundo pós-colonial, mas não absolutamente nova ou inédita, como bem nos lembra Trajano Filho em seu artigo nesta coletânea.

A narrativa de Mía Couto, no olhar de Teresa Prata, nos apresenta outros sujeitos em incessantes deslocamentos, gerados, desta vez, em razão da guerra. É digno de nota que os abrigos transitórios de Muidinga e Tuahi, bem como de Farida e Ginso sejam ruínas de meios de transporte, que um dia foram suportes de movimento: um ônibus queimado, um navio encalhado, uma carcaça de





trator, entre outros. Talvez, não por acaso, o produto da bricolagem dos meninos de Moçambique sejam também carrinhos. Carrinhos feitos de sucata de alumínio... Carrinhos que suportam suas fantasias de trânsito, quiçá em direção a futuros diversos de sua situação presente. De todo modo, as ruínas dos meios de transporte podem ser lidas como alegorias que evocam a presença do passado no presente, apesar das sucessivas tentativas de aniquilar tal relação, conexão que evoca uma aceção possível, dentre outras, para a ideia de história.

Gostaria que estes pontos fossem pensados tendo em nosso horizonte parte das questões colocadas por Wilson Trajano Filho em sua conferência no seminário (África em Movimento 2010), publicada nesta obra. Entre outras coisas, ele nos lembrou que muitos dos processos retratados por certa literatura como típicos da pós-modernidade já se impunham desde há muito entre populações africanas de diferentes matizes, como a consciência da múltipla pertença, a intensidade da circulação de pessoas e artefatos no espaço global etc. Pergunto-me então pela origem e a reprodução da crença na excepcionalidade de certos traços do mundo contemporâneo. De onde ela vem e como se mantém?

É possível supor que tais crenças se reproduzam em razão de, entre outras coisas, parte da literatura com a qual dialogamos não conversar entre si. Mas o fenômeno estruturante de tal configuração parece ser outro: a ausência de diálogos mais engajados e profundos com a História como campo de saber especializado. Vemos assim emergirem narrativas sobre traços do mundo contemporâneo – sobretudo no que diz respeito à intensificação dos fluxos de pessoas e coisas – que se constroem por oposição a uma representação de modernidade, metropolitana e colonial, que é muito mais uma projeção de fantasias sobre o passado (portanto, presentista) do que um diálogo adequadamente informado por dados empíricos. Formulo tais reflexões a fim de fomentar o debate e indicar algo que percebo como fundamental nas narrativas de Teresa Prata e Lorenzo Macagno e que, para mim, constitui a parte crucial das soluções para as questões indicadas: o diálogo com a história, particularmente, com as micro-histórias dos colonialismos nas múltiplas configurações que esse empreendimento ganhou em diferentes espaços e temporalidades, pelas quais novas subjetividades e formas de interação social foram forjadas entre “colonizados” e “colonizadores”.

Passo agora a um segundo conjunto de questões. As diversas modalidades de deslocamentos retratadas no filme de Teresa Prata e no artigo de Lorenzo Macagno não se configuram a partir de relações de relativa continuidade com o passado. Ao contrário, parte importante dos movimentos se dá sob a égide da ruptura com o passado colonial, fatos apresentados ora como um ato de vontade, ora como uma imposição. Na interpretação de Teresa Prata à narrativa de Mía Couto, os movimentos dos personagens na direção do passado são objeto





de controle e tensão. Na caminhada de Muidinga e Tuahir em busca do mar e em fuga da guerra, certos movimentos ao passado são interditados. Há uma demanda pelo silenciamento e pelo esquecimento do passado para que a situação surreal da guerra se torne suportável. Tuahir impõe a Muidinga, o menino mestiço, que apague da lembrança a escola, seus pais e muitas coisas associadas ao tempo da colonização portuguesa a qual, apesar de tudo, está inscrita na configuração fenotípica do menino de maneira indelével. Assim, a representação de Muidinga como mulato lembra a todos do passado do contato, e a *gran narrativa* do filme parece ser a busca pela compatibilização do passado e do presente de seus vários personagens.

No texto de Lorenzo Macagno, por sua vez, vislumbramos os beirenses chineses em diáspora por conta do rompimento colonial. Entre eles a relação com o passado também parece ser tensa. Cultivando suas memórias e suas identidades através de leituras e releituras de fotografias, eles se vêm obrigados a romper com parte de sua trajetória, particularmente com a condição de portugueses, na medida em que ela já não lhes é mais permitida. Assim, em decorrência dos movimentos de reconfiguração do próprio Estado português e da formação do Estado moçambicano, esses mesmos beirenses (e seus descendentes) que lutaram na guerra colonial pelos portugueses se veem excluídos do acesso àquele que pensavam ser seu país, passando assim a se verem, cada vez mais, como brasileiros. E tal processo não ocorre sem ressentimentos.

Alguns dos fatos retratados em ambas as narrativas evocam ansiedades produzidas pelas demandas de ruptura com o passado colonial, por meio do qual muitos sujeitos cultivam sua posição no mundo. Em tais contextos, a mudança figura não só como um fato sociológico, mas também como uma ideologia. Sendo assim, parece-me interessante considerar a violência implicada em tais demandas. Certas subjetividades foram, sim, conformadas pela dialética da colonização, a qual, em certos contextos, passou a ser retratada como objeto tabu. O patrulhamento ideológico voltado para o controle da memória colonial é, a meu ver, uma das variáveis mais importantes na gestação de certas ansiedades identitárias marcadas por algum tipo de vinculação positiva com agentes e agências coloniais. Pergunto, pois, se já não é hora de alçarmos tais ansiedades à condição de objetos de estudo, atribuindo-lhes dignidade analítica, fato que considero estar presente tanto no texto de Lorenzo Macagno como na narrativa de Mia Couto. Tenho plena consciência de que essa demanda não é absolutamente uma coisa nova. De certa forma, podemos considerar que tal questão tem sido amplamente contemplada pelos chamados estudos culturais, assim como pelos estudos a respeito de processos migratórios e diaspóricos.





Proponho, contudo, a retomada deste problema tendo como horizonte o resgate de certas vozes na produção de nosso conhecimento: a voz das elites e dos intermediários coloniais, de que a personagem Dona Virgínia, no filme de Teresa Prata, é um caso exemplar. Em minhas pesquisas em Timor-Leste, deparei-me com interlocutores que, no Moçambique colonial, ocupavam posições de sujeito similares à de Dona Virgínia. Pessoas que hoje, oficialmente portuguesas, nasceram em Moçambique e se afirmam naturais de Lourenço Marques e que, educadas para considerar que Moçambique era parte legítima de Portugal, expressavam grande desconforto, ansiedade e mágoa por terem sido “expulsas” daquela que julgavam ser sua terra natal.

Obviamente, tenho plena consciência de que esta é uma questão delicada. Não estou propondo aqui um silenciamento em relação às estruturas de poder, à violência e às guerras coloniais. Proponho simplesmente que levemos a sério certos interlocutores de modo a complexificar nossas representações do passado. E se isso for possível, é fundamental que pensemos também nas implicações éticas, políticas e epistemológicas que uma antropologia histórica das elites coloniais nos impõe.

AFETOS

Passo agora a abordar dimensões da problemática do afeto nas narrativas de Lorenzo Macagno, Teresa Prata e Mía Couto. Lorenzo Macagno nos mostra como o manejo do afeto e das emoções foi importante para promover a construção dos chineses da Beira como uma comunidade particular do coletivo colonial moçambicano. A qualificação de simpáticos, alegres, “simples”, bons cidadãos promovia a sua incorporação positiva na sociedade que então se inventava, procurando consolidar-se. Nesse sentido, certos traços atribuídos a eles parecem ser projeções especulares da ideologia dos “pequenos, mas honrados”, tão bem retratada por Trajano Filho (2004). Convém lembrar também que é justamente entre as décadas de 1950 e 1960 que o luso-tropicalismo se consolida como ideologia de colonização em Portugal (CASTELO, 1998). Não por acaso, Lorenzo Macagno nos mostra que são justamente variáveis relacionadas à dimensão do afeto aquelas eleitas para qualificar, desde o ponto de vista de certos agentes colonizadores, o *ethos*, o caráter dos sino-moçambicanos.

Vemo-nos, pois, diante de estratégias de governabilidade (FOUCAULT, 2008) que se objetivam pelo manejo do afeto e das emoções – nos termos de Lorenzo Macagno, uma “política colonial dos sentimentos” – cuja eficácia é produzida, entre outros meios, pelas expectativas de contraditória por elas geradas. Nos termos do autor, “as categorias de adulação criam um compromisso virtual para





a colaboração”. Enquanto Mauss (1974) nos ensina que a dádiva é um meio de gestão de relações de poder, Lorenzo nos lembra que o reconhecimento é, entre outras coisas, uma estratégia de controle. Eis uma dimensão do texto de Lorenzo Macagno importantíssima em um potencial diálogo com as teorias do reconhecimento tão em voga contemporaneamente. Sua análise nos oferece subsídios para pensar o reconhecimento como forma de controle e incorporação subalterna, que se reproduz sob o cultivo, a invenção e o domínio de formas alternas – a partir de um ponto de vista bem definido – que serão consideradas desde que se portem conforme certas expectativas. Entre outras coisas, sua análise me fez lembrar como o projeto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é oficialmente justificado. Fala-se dos “laços de amizade” entre os países que a compõem, de modo que ela se apresenta, em parte, como uma comunidade de sentimento.

Na narrativa de Teresa Prata, a gestão dos sentimentos aparece de forma explícita também. Muidinga é em vários momentos constrangido por Tuahir: quando chora, fala de sua família ou identifica-se com os cadernos que lê. Em outros, Tuahir revela que não coloca seu coração em nada naquela conjuntura, embora lhe tenha sido impossível não se apegar a Muidinga. Sequer ele queria ser chamado de tio, no início do filme. Depois, contudo, pede para ser chamado de pai, e o afeto entre eles permite que sobrevivam na situação surreal da guerra.

Em tal contexto, certos afetos e emoções aparecem como grandes transgressões e potenciais ameaças. Assim, Tuahir pede a Muidinga que pare de chorar quando adentra pela primeira vez no *maxibumbo*. Muidinga, por sua vez, pergunta ao Tio se não seria perigoso eles cantarem e dançarem depois da chuva naquela situação de guerra. Em outro momento, aos 68 minutos do filme, Muidinga pede a Tuahir que façam de conta que são pai e filho e se põe em seu colo. Ao explicar a Muidinga a razoabilidade do projeto do velho de enterrá-los a fim de que assim nasçam novas pessoas, Tuahir indica o quanto o cultivo de relações é importante para todas as pessoas. Gimso, por sua vez, relata em seu caderno que o afeto por Farida lhe deu uma nova razão para viver.

Defrontamo-nos, assim, com várias demandas e manifestações de afeto. O apego a alguém, a algum lugar ou a um conjunto de relações é retratado como antídoto contra a loucura, ameaça iminente no contexto de guerra, no qual há uma relativa suspensão da ordem social pregressa. Nessa situação, alguns personagens sustentam ser ilegítimo e às vezes inútil recorrer ao passado, sobretudo à experiência colonial, para dar inteligibilidade a certas conjunturas. Sequer é legítimo recorrer à memória para se lembrar de quem se é e onde se está, questões que manifestam uma grande violência simbólica.





Assim, para além da violência física, o filme de Teresa Prata e a obra de Mia Couto retratam com grande profundidade a desordem emocional e simbólica promovida pela guerra, a qual, como evento crítico, deseja impor, com o uso da força, novas modalidades de ação histórica. Mas a práxis, como ação simbolicamente mediada, não nasce automaticamente de imposições ou de razões práticas. Daí as tensões retratadas no filme e nas narrativas. Para certos personagens, é impossível esquecer o elo que tinham com o passado colonial, embora tal fato seja considerado politicamente incorreto.

Diante do silenciamento imposto a dimensões de seu passado, Muidinga o acessa através das narrativas de outrem, no caso, de Gimso, e descobre ser filho de Fárída. São narrativas do passado que permitem a Muidinga situar-se no mundo e dar sentido e direção à sua existência: ele passa a caminhar em busca da mãe, que está no mar. Nesse mesmo diário, Gimso afirma que escreve para fugir da loucura. Reconhece a sua ameaça na fragmentação da própria família, manifesta no ato de sua mãe colocar seu irmão mais novo no galinheiro.

Assim, tanto no texto de Lorenzo Macagno como no filme de Teresa Prata, os afetos, as emoções são meios de construção de certas ordens e formas de subvertê-las a um só tempo. A nós, como cientistas sociais, cabe também pensar nos efeitos sociais que tais fenômenos geram, inclusive no papel do afeto como um meio de produção de conhecimento do mundo, questão tão cara à teoria psicanalítica, mas de abordagem frágil entre nós... Fico por aqui e agradeço, mais uma vez, a oportunidade de reflexão e interlocução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELO, Claudia. *“O modo português de estar no mundo”: o lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MACAGNO, Lorenzo. Os chineses da Beira, Moçambique. Itinerários de uma dispersão. Artigo apresentado no seminário África em Movimento. Brasília, 2010. Mimeo.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Vol. II. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1974. p. 37-184.
- TERRA Sonâmbula. Filme realizado por Teresa Prata, baseado na obra de Mia Couto. Produzido por António da Cunha Telles e Pandora da Cunha Telles, 2007. 98 min.
- TRAJANO FILHO, Wilson. A constituição de um olhar fragilizado: notas sobre o colonialismo português em África. In: CARVALHO, Clara; PINA CABRAL, João de (orgs.). *A Persistência da História: passado e contemporaneidade em África*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004. p. 21-59.



